

O LIVRO QUE INSPIROU O FILME DE BONG JOON-HO

MICKEY

7



“DEIXA O PÚBLICO
SEM FÔLEGO!”
— *The Times*

ROMANCE

EDWARD ASHTON

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

EDWARD ASHTON

MICKEY

7



Planeta minotauro

TRADUÇÃO
Aline Storto Pereira



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Edward Ashton, 2022

Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos da América pela St. Martin's Press,
um selo do St. Martin's Publishing Group

www.stmartins.com

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023

Copyright de tradução © Aline Storto Pereira, 2023

Todos os direitos reservados.

Título original: *Mickey7*

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, instituições e acontecimentos retratados
neste romance são fruto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia.

Preparação: Guilherme Kroll

Revisão: Renato Ritto e Elisa Martins

Projeto gráfico e diagramação: Nine Editorial

Capa: Ervin Serrano

Imagens de capa: space © Sergey Nivens / Shutterstock.com;

stars © Jurik Peter / Shutterstock.com

Adaptação de capa: Emily Macedo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Ashton, Edward

Mickey7 / Edward Ashton; tradução de Aline Storto Pereira. – São Paulo: Planeta
do Brasil, 2023.

288 p.

ISBN 978-85-422-2378-1

Título original: *Mickey7*

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica I. Título II. Storto Pereira, Aline

23-5203

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

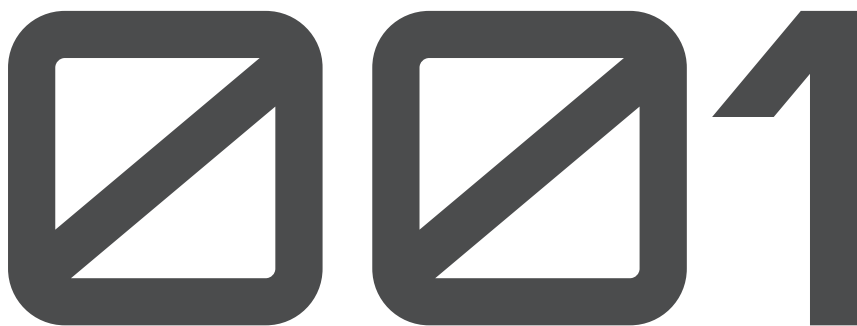
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

fale conosco @editora@planeta.com.br

EXEMPLAR ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



ESTA VAI SER A MAIS IDIOTA de todas as minhas mortes.

Passa um pouco das 26:00 e estou estatelado de costas em um chão de pedra tosca numa escuridão tão profunda que é como se estivesse cego. Meus oculares desperdiçam longos cinco segundos procurando por fótons perdidos no espectro visível antes de finalmente desistirem e passarem para o infravermelho. Mesmo assim não há muito o que ver, mas pelo menos consigo distinguir o telhado da câmara lá no alto, brilhando agora em um cinza pálido e espectral, e o círculo preto da abertura encrustada de gelo que deve ter me trazido até aqui.

Pergunta: o que diabos aconteceu?

Os últimos dez minutos da minha memória estão fragmentados, imagens desconectadas e frações de sons em sua maioria. Me lembro de Berto me deixando no topo da fenda. Me lembro de descer por um amontoado de blocos de gelo. Me lembro de andar. Me lembro de olhar para cima, de ver uma rocha que se projetava do gelo a uns trinta metros de altura na parede sul. Parecia um pouco a cabeça de um macaco. Me lembro de sorrir e então...

... e então não havia nada embaixo do meu pé esquerdo e eu caí.

Filho da puta. Eu não estava olhando para onde estava indo. Estava olhando para cima, para aquela rocha idiota com cara de macaco, pensando em como a despreveria para Nasha quando voltasse para a cúpula, e pisei num buraco.

A. Morte. Mais. Idiota. De. Todas.

Um calafrio percorre o meu corpo. O frio era ruim o bastante lá em cima, quando eu estava andando. Mas aqui embaixo, encostado no alicerce, o frio está se infiltrando, penetrando o traje epidérmico e as duas camadas de vestimentas térmicas, atravessando o cabelo e a pele e os músculos até chegar aos meus ossos. Estremeço de novo e uma súbita pontada de dor sobe do meu pulso esquerdo até o ombro. Baixo os olhos. Há uma saliência onde não deveria haver nenhuma, avolumando-se contra o tecido no ponto de encontro entre a luva e a vestimenta térmica externa. Começo a puxar a luva, pensando que talvez o frio ajude a diminuir o inchaço, mas outra pontada de dor faz o experimento cessar quase antes mesmo de começar. Até ao tentar cerrar o pulso, a dor escala de ruim a excruciante assim que meus dedos começam a se curvar.

Devo ter batido em alguma coisa durante a queda. Fratura? Talvez. Torção? Definitivamente.

Dor significa que ainda estou vivo, certo?

Eu me sento devagar, chacoalho a cabeça para clarear os pensamentos e pisco para abrir uma janela de comunicação. Estou distante demais para captar algum dos repetidores da colônia, mas Berto ainda deve estar próximo, porque estou recebendo um resquício de sinal, não o suficiente para mensagens de áudio ou vídeo, mas provavelmente consigo enviar mensagens de texto. Meus olhos se fixam no ícone de teclado e ele se expande para preencher um quarto do meu campo de visão.

<Mickey7>: Berto, você está recebendo isto?

<FalcãoVermelho>: Afirmati*o. Ainda vivo, hein?

<Mickey7>: Por enquanto. Mas estou preso.

<FalcãoVermelho>: Não brinca. Eu vi o que aconteceu. Você caiu em um buraco.

<Mickey7>: É, eu percebi.

<FalcãoVermelho>: Não em um buraco pequeno, Mickey. Um dos grandes. Que diabos aconteceu, parceiro?

<Mickey7>: Eu estava olhando para uma rocha.

<FalcãoVermelho>: ...

<Mickey7>: Ela parecia um macaco.

<FalcãoVermelho>: A morte mais idiota de todas.

<Mickey7>: É, bem, só se eu morrer, né? Falando nisso, alguma chance de você vir me pegar?

<FalcãoVermelho>: Ahn...

<FalcãoVermelho>: Não.

<Mickey7>: Sério?

<FalcãoVermelho>: Sério.

<Mickey7>: ...

<Mickey7>: Por que não?

<FalcãoVermelho>: Bom, principalmente porque estou flutuando duzentos metros acima do ponto por onde você acabou de descer e ainda assim quase não consigo te captar. Você está nas profundezas do subsolo, meu amigo, e nós de**nitivamente estamos em território de rastejadores. Seria necessário um esforço enorme e uma boa dose de risco pessoal para tirar você daí e não posso justificar esse tipo de risco por um prescindível, sabe?

<Mickey7>: Ah. Certo.

<Mickey7>: Nem por um amigo, hein?

<FalcãoVermelho>: Qual é, Mickey. Isso é jogo sujo. Não é como se você fosse morrer de verdade ou coisa assim. Vou registrar uma ocorrência da *ua perda quando eu voltar para a cúpula. Esse é o meu dever. É impossível Marshall não aprovar a sua regeneração. Você vai estar fora do tanque e de volta na sua cama amanhã.

<Mickey7>: Ah, que ótimo. Quero dizer, tenho certeza de que vai ser conveniente para você. Mas, nesse meio tempo, eu tenho que morrer em um buraco.

<FalcãoVermelho>: É, isso é péssimo.

<Mickey7>: É péssimo? Sério? É só isso que você tem para me dizer?

<Mickey7>: Sinto muito, Mickey, mas o que você quer? Lamento que você esteja prestes a morrer aí embaixo, mas, na verdade, esse é o seu trabalho, certo?

<Mickey7>: Eu nem estou atualizado, sabe? Não faço upload faz mais de um mês.

<FalcãoVermelho>: Isso... não é culpa minha. Mas não se preocupe. Vou deixar v*cê a par do que tem feito. Tem alguma coisa particular que fez desde o último upload que acha que talvez precise saber?

<Mickey7>: Hum...

<Mickey7>: Não, acho que não.

<FalcãoVermelho>: Perfeito. Então estamos prontos.

<Mickey7>: ...

<FalcãoVermelho>: Tudo bem, Mickey?

<Mickey7>: Tá. Tudo bem. Muito obrigado, Berto.

Pisco para fechar a janela, me recosto contra a parede rochosa e fecho os olhos. Não consigo acreditar que aquele covarde desgraçado não vem me buscar.

Ah, quem estou tentando enganar? Claro que consigo acreditar.

E agora? Fico aqui e espero a morte? Não faço ideia de até que profundidade caí nessa cavidade ou fosso ou o que quer que seja antes de atingir o nível do solo nesse... seja lá o que for. Podem ter sido vinte metros. Pela maneira como Berto estava falando, poderia ter sido algo como cem metros. A abertura pela qual eu caí está logo ali, a não mais de três metros. Mas, mesmo que pudesse chegar até lá, é impossível escalar com este pulso.

No meu ramo de trabalho, você passa muito tempo pensando em diferentes formas de morrer... isto é, quando não está de fato vivenciando-as. Nunca congelei até a morte antes. Mas definitivamente já pensei sobre isso. Foi difícil não pensar desde que pousamos nesta bola de gelo miserável. Deveria ser bem fácil, falando em termos gerais. Você fica gelado, adormece e depois não acorda, certo? Estou começando a cair no sono, pensando que talvez pelo menos não seja um jeito tão ruim de morrer, quando ouço o sinal dos meus oculares. Pisco para responder.

<VespaNegra>: Oi, meu bem.

<Mickey7>: Oi, Nasha. O que posso fazer por você?

<VespaNegra>: Apenas aguento firme. Estou no ar, chegada prevista em dois minutos.

<Mickey7>: Berto mandou um sinal para você?

<VespaNegra>: Mandou. Ele acha que não dá para recuperar você.

<Mickey7>: Mas?

<VespaNegra>: Ele só não está motivado o suficiente.

Sabe, a esperança é uma coisa engraçada. Trinta segundos atrás, eu tinha cem por cento de certeza de estar prestes a morrer e não estava com medo. Agora, porém, ouço meu coração bater acelerado e me vejo verificando uma lista de tudo o que poderia dar errado se Nasha realmente conseguisse colocar sua aeronave iônica no solo lá em cima e tentasse o resgate. Será que o chão da fenda é amplo o suficiente para ela pousar? Se for, será que vai conseguir me localizar? Se me localizar, será que vai ter cabo suficiente para chegar até mim?

Se tiver, quais são as chances de toda essa atividade fazer os rastreadores a atacarem?

Merda.

Merda, merda, merda.

Não posso deixar que ela faça isso.

<Mickey7>: Nasha?

<VespaNegra>: Oi?

<Mickey7>: Berto tem razão. Não dá para me recuperar.

<VespaNegra>: ...

<Mickey7>: Nasha?

<VespaNegra>: Tem certeza, meu bem?

Fecho meus olhos outra vez, inspiro, expiro. É só uma viagem ao tanque, certo?

<Mickey7>: É, tenho. Caí bem fundo e estou muito ferido. Sinceramente, mesmo que você conseguisse me pegar, eles provavelmente acabariam me transformando em sucata mesmo.

<VespaNegra>: ...

<VespaNegra>: Tudo bem, Mickey. A decisão é sua.

<VespaNegra>: Você sabe que eu teria ido te buscar, certo?

<Mickey7>: É, Nasha. Eu sei.

Ela se cala e eu fico ali vendo a intensidade do seu sinal aumentar e diminuir. Ela está circundando o local da queda. Está tentando triangular o meu sinal, tentando encontrar a minha localização.

Preciso acabar com isso.

<Mickey7>: Vá pra casa, Nasha. Vou fechar a conta agora.

<VespaNegra>: Oh.

<VespaNegra>: Tudo bem.

<VespaNegra>: Como você vai fazer isso?

<Mickey7>: Fazer o quê?

<VespaNegra>: Se desativar, Mickey. Não quero que você seja desativado como o Cinco. Você tem uma arma?

<Mickey7>: Não. Perdi meu chamejador na queda. Sinceramente, acho que eu não ia querer usar uma daquelas coisas em mim mesmo. Imagino que seria rápido, mas...

<VespaNegra>: É, acho que é uma boa decisão. E uma faca? Ou um machado de gelo?

<Mickey7>: Não para os dois. E o que exatamente você esperava que eu fizesse com um machado de gelo?

<VespaNegra>: Não sei. Eles são afiados, certo? Talvez você pudesse acertar a própria cabeça ou algo assim.

<Mickey7>: Olhe, Nasha, sei que está tentando ajudar, mas...

<VespaNegra>: Você podia simplesmente abrir a vedação do seu respirador. Não sei ao certo se a baixa porcentagem de oxigênio te afetaria primeiro ou a alta porcentagem de carbono, mas, de um jeito ou de o*tro, não demoraria mais do que alguns minutos.

<Mickey7>: É. Sei que não tentei isso, mas, de alguma forma, acho que asfixia lenta não faz o meu tipo.

<VespaNegra>: Então o que você vai fazer?

<Mickey7>: Congelar até a morte, eu acho.

<VespaNegra>: É, funciona. Tranquilo, certo?

<Mickey7>: Espero que sim.

O sinal dela diminui até quase desaparecer, depois paira pouco acima de zero. Ela deve estar no limite de abrangência de transmissão.

<VespaNegra>: Ei, você fez backup, certo?

<Mickey7>: Não nas últimas seis semanas.

<VespaNegra>: Por que não tem feito upload?

Eu realmente não quero entrar nessa questão em especial neste exato momento.

<Mickey7>: Só preguiça, eu acho.

<VespaNegra>: ...

<VespaNegra>: Sinto muito por isso, meu bem. Sinto muito mesmo.

<VespaNegra>: Quer que eu fique na linha com você?

<Mickey7>: Não. Pode levar um tempo, e, se acontecer alguma coisa com você aí fora, você não volta para casa, lembra? Você deveria voltar para a cúpula.

<VespaNegra>: Tem certeza?

<Mickey7>: É, tenho sim.

<VespaNegra>: Te amo, meu bem. Quando eu te encontrar amanhã, vou te dizer que você foi desativado como um profissional esta noite.

<Mickey7>: Obrigado, Nasha. Também te amo.

<VespaNegra>: Tchau, Mickey.

Pisco para fechar a janela e vejo o sinal de comunicação de Nasha diminuir até chegar a zero. Berto já saiu do alcance há muito tempo. Olho para cima. A abertura está olhando para mim como o ânus do demônio e, com ou sem backup, de repente não me agrada a ideia de morrer. Chacoalho a cabeça outra vez e fico de pé.

EIS AQUI UM EXERCÍCIO mental para você: imagine que descobriu que, quando vai dormir à noite, não apenas dorme. Você morre. Você morre e outra pessoa acorda no seu lugar na manhã seguinte. Ela tem todas as suas lembranças. Acha que é você e todos os seus amigos e entes queridos também acham. Mas ela não é você e você não é a pessoa que foi dormir na noite anterior. Você só existe desde a manhã e vai deixar de existir quando fechar os olhos à noite. Pergunte a si mesmo: faria alguma diferença em termos práticos na sua vida? Haveria alguma maneira de você sequer perceber?

Substitua “dormir” por “ser esmagado, ou vaporizado, ou incendiado” e você praticamente entendeu a minha vida. Problemas com o núcleo do reator? Eu cuido disso. Precisa testar uma vacina duvidosa? É comigo mesmo. Precisa saber se aquele absinto que você preparou na sua banheira é venenoso? Vou pegar um copo, seus malditos. Se eu morrer, vocês sempre podem fazer outro de mim.

A vantagem de todas essas mortes é que eu sou mesmo um tipo cagado de imortal. Não me lembro apenas do que Mickey1 fez. Me lembro de ser ele. Bem, em todo caso, de tudo menos dos últimos minutos da existência dele. A morte dele, ou a minha, aconteceu após uma ruptura no casco durante o trajeto. Mickey2 acordou algumas horas depois com a certeza absoluta de ter trinta e um anos e de ter nascido em Midgard. E quem é que sabe? Talvez tenha nascido. Talvez esse fosse o Mickey Barnes original olhando através de seus olhos. Quem poderia saber? E talvez, se eu me deitar no solo desta caverna, fechar os meus olhos e abrir as minhas vedações, eu acorde amanhã de manhã como Mickey8.

Mas, de certo modo, eu duvido.

Nasha e Berto talvez não sejam capazes de notar a diferença, mas, lá no fundo, em algum nível abaixo da razão, estou seguro de que saberia se estivesse morto.

NÃO HÁ PRATICAMENTE NADA no que se refere a fótons em escala visível aqui embaixo, mas o meu ocular está captando o suficiente no infravermelho de ondas curtas para dar uma olhada em volta. Ao que

parece, existe meia dúzia de túneis saindo desta câmara, todos em declive.

Não deveria ser assim.

Nada disso deveria ser assim, na verdade.

Os túneis parecem tubos de lava, mas, de acordo com a pesquisa orbital, não deveria haver nenhuma atividade vulcânica dentro de um raio de mil quilômetros daqui. Esse foi um dos motivos pelos quais escolhemos este lugar para o nosso acampamento-base, embora fique longe o suficiente do equador a ponto de o clima ruim deste planeta idiota ser ainda pior do que precisa ser. Percorro o perímetro da câmara devagar. Todos os túneis parecem iguais, tubos circulares de uns três metros de diâmetro, brilhando ligeiramente de uma forma que diz à minha mente consciente que há um gradiente positivo de temperatura em ação e ao mesmo tempo diz ao meu subconsciente que todos eles provavelmente levam direto ao inferno. Conto seis passos de cada um deles até o próximo.

Isso também não parece certo.

No entanto, não há tempo para me preocupar com esse detalhe. Escolho um túnel e começo a andar.

Depois de mais ou menos meia hora, começo a pensar que talvez devesse ter tentado contar a Nasha que não ia apenas ficar ali parado e congelar até a morte, afinal. Seria bom se ela soubesse para não deixar Berto registrar uma ocorrência de perda, a não ser que eu morra mesmo. A associação é bem progressista sobre muita coisa no que diz respeito à moralidade, mas algumas coisas realmente muito ruins aconteceram nos primórdios dos corpos bioimpressos e dos downloads de personalidade e, a essa altura, na maioria das colônias, é melhor você ser um assassino em série ou um sequestrador de crianças do que um múltiplo.

Abro uma janela de comunicação, mas claro que não estou recebendo nenhum sinal aqui. Muita rocha estratificada entre mim e a superfície. Provavelmente é melhor assim. Tenho certeza de que o único motivo pelo qual Nasha não insistiu em uma tentativa de resgate foi porque dei a impressão de que estava danificado mesmo. Se ela

soubesse que eu estava de pé e andando por aqui com nada pior do que uma dor de cabeça e um pulso torcido, ela teria dado meia-volta e tentar vir me buscar, quer eu quisesse, quer não.

Não posso permitir isso. Nasha é a única coisa claramente boa que posso citar dos últimos nove anos da minha vida e, se acontecesse alguma coisa com ela por minha causa, não conseguiria viver comigo mesmo.

Não conseguiria, mas teria que viver, não teria? Não posso morrer... de qualquer maneira, não pra valer.

Em todo caso, a essa altura não sei ao certo se ela conseguiria me encontrar, mesmo que quisesse. Aqui embaixo é como um formigueiro, com túneis que se cruzam a cada doze metros mais ou menos. Tentei entrar nos que pareciam subir em vez de descer, mas acho que não estou me saindo muito bem nisso e não faço ideia de para qual direção estou indo.

Pensando pelo lado positivo, porém, não estou mais tremendo. No começo, achei que estava tendo hipotermia, mas o brilho infravermelho das paredes tem se intensificado gradualmente e agora tenho certeza de que, quanto mais adentro os túneis, mais quente fica. Na verdade, estou começando a suar um pouco, o que não é problema por enquanto, suponho, mas vai ser ruim se eu realmente conseguir encontrar o caminho de volta para a superfície. Estava dez graus negativos quando rompi a crosta da abertura do fosso. As temperaturas à noite têm chegado aos trinta negativos ou menos, e nunca para de ventar. Se eu encontrar uma saída, pode ser uma boa ideia ficar aqui dentro até o sol voltar.

ESTOU SONHANDO ACORDADO com Nasha a primeira vez que escuto o deslizamento. É como um monte de pedrinhas caindo de uma parede de granito, só que começa e para, começa e para. Eu aperto o passo e não olho para trás. A essa altura, está claro para mim que esses túneis não são uma formação natural. Não sei que tipo de animal escavador faz túneis de três metros de diâmetro na rocha maciça, mas, seja lá qual for, tenho certeza de que não quero encontrar um.

À medida que avanço, os ruídos se tornam mais frequentes e mais próximos. Eu me vejo andando cada vez mais rápido, até estar quase correndo. Acabei de passar por um cruzamento de túneis quando percebo que não sei dizer se os ruídos que estou ouvindo vêm de trás ou da frente. Paro no meio do caminho e dou meia-volta.

E ali está ele, quase perto o bastante para eu tocá-lo.

Em termos gerais, parece um rastejador, o que acho que faz sentido: corpo segmentado, um par de pernas em cada segmento, garras duras e afiadas como patas. As mandíbulas são diferentes, contudo. Os rastejadores têm um par no segmento frontal. Este cara tem dois: um par ligeiramente mais longo paralelo ao chão e um par menor perpendicular ao primeiro. Assim como um rastejador, ele tem um par de cirros curtos e ágeis dentro da mandíbula e uma boca redonda cheia de dentes.

Existem algumas outras diferenças importantes. Os rastejadores são brancos por inteiro... evoluíram para se confundirem com a neve, talvez? É difícil dizer com base no infravermelho que estou captando, mas suponho que, no espectro visível, essa coisa seria marrom ou preta.

Além disso, claro, os rastejadores têm, talvez, um metro de comprimento e pesam algumas dezenas de quilos, enquanto o meu amigo aqui tem de largura a mesma medida da minha altura e se estende pelo túnel abaixo até onde consigo ver.

Lutar ou fugir? Nenhum dos dois parece uma boa aposta aqui. Ergo as minhas mãos, mostro as palmas abertas para ele e dou um lento passo atrás. Isso provoca uma reação. Ele se empina e escancara as duas mandíbulas. Os cirros apontam para mim. Linguagem corporal. Para uma coisa como essa, meus braços levantados e abertos provavelmente parecem uma ameaça. Deixo os braços caírem nas laterais do corpo e dou outro passo atrás. Ele desliza em minha direção, seus segmentos frontais balançando devagar para trás e para a frente como a cabeça de uma cobra, e fico pensando que deveria ter ouvido Nasha, deveria ter aberto minhas vedações e deixado a atmosfera local fazer o seu trabalho, pensando que ser comido por uma centopeia gigante

realmente não é o modo como eu gostaria de fechar a conta, quando ele ataca.

As mandíbulas se fecham ao meu redor mais rápido do que consigo reagir, entre as minhas pernas, sobre o meu ombro direito e em volta da minha cintura. O rastejador me ergue do chão e os cirros me seguram no lugar. A boca abre e fecha ritmadamente a menos de um metro de distância. Há fileiras e fileiras de dentes frios e pretos lá dentro, um atrás do outro até onde consigo ver naquela garganta quente como uma fornalha.

Mas ele não me puxa para dentro. Ele me pega e se locomove.

Os cirros são multiarticulados e terminam em ninhos de tentáculos que quase poderiam ser dedos, com garras de dois centímetros nas pontas. No começo, eu luto, mas eles mantêm os meus braços abertos e encostados nas mandíbulas com a força de um torno de aço. Posso chutar um pouco com os pés, mas não consigo alcançar nada que valha a pena chutar. A essa altura, suponho estar sendo levado de volta para o ninho. Um lanche para os pequeninos, talvez? Ou uma surpresa especial para a esposa? De qualquer forma, se pudesse abrir as minhas vedações agora, eu abriria. No entanto, não é uma opção, então fico ali, imaginando qual vai ser a sensação de ser triturado naquela boca inquieta.

O percurso é longo e, em determinado momento, acabo caindo no sono. Mas o tinido dos dentes do gigantesco rastejador me acorda e passo o resto do caminho vendo-os atritando-se uns contra os outros à medida que o diafragma da boca se abre e se fecha. É estranhamente fascinante. Os dentes devem crescer sem cessar ou cair e regenerar com bastante frequência porque estão, de fato, se danificando.

Depois de um tempo, percebo que os ângulos nos quais eles atingem uns aos outros são otimizados para mantê-los afiados.

Por fim, paramos em uma câmara semelhante àquela onde caí. O rastejador atravessa o espaço aberto e depois desliza a cabeça em um túnel lateral menor. Estico meu pescoço para olhar ao redor. A passagem parece terminar em um beco sem saída depois de cerca de vinte metros. A despesa da família? Ele coloca meus pés no chão, em seguida abre as mandíbulas. Os cirros me dão um leve empurrão e a cabeça recua.

Não sei ao certo o que vai acontecer agora, mas tenho certeza de que quero estar onde a coisa não esteja. Começo a subir o túnel. Há algo estranho no final da parede. Demoro alguns segundos para perceber que o meu ocular está registrando fótons no espectro visível pela primeira vez em horas.

Quando chego ao fim do túnel, a parede não é rochosa. É neve compactada. Encosto minha cabeça nela e empurro. Uma parte de meio metro de diâmetro cede. A luz do dia entra.

Nesse momento, de repente me lembro de ter nove anos de idade na casa de campo da minha avó em Midgard. Era uma manhã ensolarada de primavera e eu tinha pegado uma aranha no meu quarto. Apanhei-a nas mãos e a prendi, desci as escadas correndo e saí pela porta da frente com suas patinhas afiadas pisoteando a palma das minhas mãos. Agachei-me no jardim da frente, pus as mãos perto do chão e abri meus dedos. Enquanto ela fugia, eu me senti como um deus benevolente.

Pelo buraco na parede, consigo ver a saliência coberta de neve da nossa cúpula principal a não mais do que dois quilômetros de distância. Eu sou a aranha. Sou a aranha e aquela coisa no túnel acabou de me soltar no jardim.

TENTO MANDAR UM SINAL para Berto, depois para Nasha, logo que saio do túnel. Sem resposta. Não é de se surpreender, suponho. Ainda é cedo e os dois passaram a noite fora. Será que Berto me declarou morto em combate assim que voltou para a cúpula ou será que esperou até a manhã seguinte? E quanto tempo depois disso demorariam para me reinicializar de fato? Nunca estive por perto para ver essa parte, então não sei muito bem, mas suponho que não demore muito. Penso em deixar uma mensagem para Berto, mas algo me diz para esperar. Se ele foi direto para o tabique ao chegar ontem à noite, posso contar pessoalmente. Se não, com toda sinceridade, não sei o que acontece em seguida, mas tenho a estranha sensação de que talvez eu queira guardar meu status atual de não morto para mim mesmo por algum tempo.

A volta ao perímetro é uma longa caminhada de uma hora em meio a uma camada de neve recente que chega até o joelho. Apesar disso, na verdade faz uma manhã agradável, para variar. A temperatura é de pouco mais de zero grau pela primeira vez em quase uma semana. O vento cessou, o céu é de um suave tom rosado sem nuvens e o sol é uma grande bola vermelha logo acima do horizonte sul. Temos um perímetro de segurança de uns cem metros em torno da cúpula: torres com sensores, torreões com chamejadores automatizados, armadilhas, mecanismos. Nunca soube ao certo qual deveria ser o sentido daquilo, uma vez que os rastejadores são os únicos animais grandes que vimos até agora e eles parecem ser capazes de se locomover debaixo da neve, onde os nossos sensores não conseguem encontrá-los, mas suponho que seja o procedimento operacional padrão.

Gabe Torricelli está operando o posto de controle que leva à câmara de descompressão principal esta manhã. Ele é um capanga da segurança, mas, no que se refere a capangas, é um cara legal. Está vestindo uma armadura de combate completa, exceto o capacete. Parece um fisiculturista enorme com uma cabecinha bem diminuta.

— Mickey — ele diz. — Você saiu cedo.

Eu dou de ombros.

— Sabe como é. Só para fazer a minha caminhada. Para que o equipamento? Nós declaramos guerra contra alguém enquanto eu estava em serviço na fenda?

Ele sorri atrás do respirador.

— Ainda não. A armadura é opcional para a guarda armada. Só que eu gosto da aparência dela. — Ele faz um gesto, apontando o caminho de onde eu vim. — Marshall continua mandando você fazer o reconhecimento das colinas, hein?

— É. Não faz sentido arriscar equipamento valioso para fazer o trabalho sujo quando vocês têm a mim, certo?

— Certo. Viu algo de bom por aí?

Sim, Gabe. Vi um rastejador do tamanho de uma nave de carga pesada. Ele me trouxe de volta para a cúpula e depois me soltou. Tenho certeza de que era senciante. Legal, né?

— Não — respondi. — Apenas um monte de pedra e neve.

— É — retorquiu ele. — Típico. Marshall só está desperdiçando o nosso tempo com essa bobagem, certo?

Argh. Ele está entediado e quer conversar. Preciso dar um basta nisso.

— Olhe — começo. — Eu adoraria ficar, mas tenho uma coisa a fazer na cúpula agora de manhã. Tudo bem se eu entrar?

— Tudo bem — ele concorda. — Claro. Acho que não preciso pedir identificação, hein?

— Não — respondo. — Provavelmente não.

Ele pega um tablet, digita alguma coisa, depois, com um aceno, me deixa passar e entrar na cúpula. Isso é bom. Talvez signifique que ninguém registrou Mickey8 junto à Segurança ainda. A preguiça do Berto pode ter me poupado de uma quantidade desconhecida de problemas. Por outro lado, foi basicamente a preguiça do Berto que me colocou nesta situação para começar. Teria sido difícil, mas tenho certeza de que ele poderia ter arrumado algum equipamento e voltado para me resgatar ontem à noite.

Eu não deixaria Nasha correr o risco de voltar para me pegar, mas o Berto? Se ele estivesse disposto, acho que teria tentado a sorte.

Claro, a razão de ter prescindíveis é que você não tem que voltar para buscá-los. Ainda assim, independentemente de como isso acabar, vou ter que reavaliar meus critérios para escolher melhores amigos.

A primeira parada é o meu tabique. Preciso me trocar, me limpar um pouco e colocar uma faixa de pressão no meu pulso. A essa altura, não acho que esteja quebrado, mas está roxo e inchado e tenho a impressão de que vai incomodar por algumas semanas pelo menos. Depois disso, posso entrar em contato com Berto e me certificar de que ele não está se preparando para fazer alguma coisa idiota. Preciso mandar um sinal para Nasha também, só para avisar que consegui sair.

Também para agradecê-la por estar disposta a tentar, suponho.

Sigo o corredor principal por dois terços da cúpula, depois subo quatro andares por uma escada metálica simples em espiral até as espeluncas. Os tabiques de qualidade inferior ficam aqui em cima,

dezenas de cômodos de dois por três metros separados por divisórias de plástico extrudado e finas portas de espuma até perto do teto. Meu quarto fica próximo do centro. Tenho um quarto duplo com espaço suficiente para ficar de pé e erguer as mãos sobre a cabeça: um dos benefícios de ser um prescindível, suponho. É parecido com a forma como os astecas eram bem legais com aqueles atletas que jogavam bola com o traseiro, até arrastá-los ao altar e arrancar seus corações.

Percebo pela primeira vez que podemos ter um problema quando tento colocar a chave na minha porta. Já está destrancada. Eu a abro, o coração batendo em um ritmo desconexo no meu peito. Alguém está dormindo na minha cama, agasalhado com o cobertor até o queixo. Seu cabelo está empastado na testa e seu rosto está manchado com o que parece ser ranho ressecado. Avanço dois passos e fecho a porta ao passar. Ele abre os olhos ao ouvir a tranca se fechando.

— Ei — eu digo.

Ele se soergue e põe a mão no rosto.

— O quê... — Ele olha para mim e arregala os olhos. — Droga — ele diz. — Eu sou Mickey8, não sou?